



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS ORGÂNICOS COMO FATOR DE INCLUSÃO SOCIAL E ECONÔMICA

ANA MARIA NAVAES DA SILVA; JOSÉ DE LIMA ALBUQUERQUE; DEMORVAL DOS SANTOS FILHO; ELIZANDRO SOUZA DA SILVA; RENATA PATRÍCIA LEANDRO DO NASCIMENTO;

UFRPE

RECIFE - PE - BRASIL

anavaes@terra.com.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Agricultura Familiar e Ruralidade

COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS ORGÂNICOS COMO FATOR DE INCLUSÃO SOCIAL E ECONÔMICA

Grupo de pesquisa: Agricultura familiar e ruralidade

Resumo

Este artigo analisa o processo de implantação da agricultura orgânica em assentamentos de reforma agrária, ainda recente no Brasil, e que trouxe consigo uma rápida transformação para a agricultura familiar. Procura analisar a contribuição da agricultura orgânica como alternativa de sustentabilidade sócio- econômica e ambiental da produção e entender o processo de reforma agrária brasileira e suas dificuldades, mostrando os possíveis caminhos para o agricultor assentado agregar valor à produção e se inserir em uma economia de mercado. Além do que, analisa os impactos identificados na elevação da renda familiar e melhoria nas condições de vida. Procurou-se analisar o caso do assentamento Ronda/Chico Mendes, no município de Pombos, em Pernambuco. A pesquisa constou de entrevistas e aplicação de questionários aos assentados, que levantou informações sobre a produção do assentamento e outros aspectos relevantes, a exemplo da implementação da produção orgânica e conseqüente comercialização desses produtos. Observou-se que quase a metade dos assentados vivia com menos de R\$200,00 por mês, e hoje com as feiras orgânicas apenas 5% vive com uma renda inferior a R\$200,00. O maior acréscimo

observado foi no percentual de assentados que possuía uma renda de R\$300,00 a menos de R\$400,00. 19% dos agricultores entrevistados passaram a ter uma renda de mais de R\$500,00 por mês, o que não acontecia nem antes nem depois da criação do assentamento. Os agricultores que possuem uma renda superior a 1 salário mínimo representam 81%. No estudo de caso apresentado verifica-se o quanto é promissora a agricultura orgânica nos assentamentos, em termos da sua contribuição para fixação do homem ao campo e da geração de renda para os assentados de reforma agrária.

Palavras-chave: Pequena agricultura familiar, reforma agrária, assentamentos e agricultura orgânica.

Abstract

This article analyzes the process of implantation of organic agriculture in nestings of agrarian reform, still recent in Brazil, that brought a fast transformation for familiar agriculture. We intend to analyze the contribution of the organic agriculture as alternative of social, economic and environmental sustainability of the agricultural production and to understand the process of Brazilian agrarian reform and its difficulties, showing the possible ways for the small farmers to add value to the production and to insert themselves in a market economy. Beside one analyzes the impacts identified in the rise of the familiar income and improvement in the life conditions. It was looked to analyze the case of the Ronda/Chico Mendes nesting, in the city of Pombos, Pernambuco state/Brazil. The research consisted of interviews and application of questionnaires to the small farmers, in order to obtain information on the nesting production and other aspects, as the implementation of the organic production and consequent commercialization of these products. It was observed that almost the half of the small farmers lived with less of R\$200,00 for month, and today with organic farms only 5% lives with an income below to R\$200,00. The biggest observed addition was in the percentage of farmers that earned an income of R\$300,00 to less of R\$400,00. 19% of the interviewed farmers with the organic products began to earn an income of R\$500,00 for month, what it did not happen neither at that time nor afterwards of the creation of the nesting. The small farmers who possess a superior income the 1 minimum wage represent 81%. In the study of presented case we could verify how much organic agriculture in the nesting is promising, in terms of its contribution for setting of the man to the field and the generation of income for the small farmers of agrarian reform.

key words: small agriculture, agrarian reform, nesting, organic agriculture.

1. INTRODUÇÃO

A partir da década de 1850, com o fim do tráfico negreiro e o Império, sob a pressão dos fazendeiros, mudou-se o regime de propriedade de terra de posse para o regime de compra. Até então, se ocupava a terra e era pedido ao imperador o título de posse, o que foi modificado, pelo receio dos escravos tornarem-se proprietários de terras. Este é um problema que foi agravando-se com o decorrer dos anos. O problema agrário brasileiro começou a ser debatido na década de 1950, foi um momento importante para o país, porém esta questão ainda não recebia o seu devido

valor, foi, assim, colocada de lado. Somente na década de 1980, começaram a ser estudadas formas de se fazer uma distribuição de terras mais desconcentrada. Neste momento, foram identificados, pela primeira vez, grupos sociais, lutando pela reforma agrária; origem dos movimentos sociais existentes nos dias atuais.

A reforma agrária não é somente a distribuição de terras, ou melhor, a implantação de assentamentos. É um processo mais complexo e mais rico, a partir do momento que terras são disponibilizadas pelo Governo para trabalhadores rurais, outras questões também devem ser tratadas, como o saneamento do local, a rede elétrica do mesmo, as estradas próximas, a questão econômica, a saúde e a educação dos agricultores, para, desta forma, chegar-se ao sucesso do assentamento. Muitas vezes os assentamentos são implantados sob pressão dos movimentos. As famílias são recrutadas sem muitas exigências de qualificação, predomina àquelas que apresentam alguma experiência na agricultura de subsistência.

É certo, que uma parte dos assentados, refletindo a situação de analfabetismo, pobreza e miséria que ainda hoje domina o meio rural brasileiro, ainda não está qualificada para operar tecnologias mais modernas. Ainda assim, os resultados alcançados demonstram um desempenho aceitável.

Desde 1996, o Convênio FAO/Incra vem realizando estudos para identificar e avaliar os principais sistemas produtivos adotados nos assentamentos de reforma agrária. Os dados obtidos mostram resultados positivos de sustentabilidade dos sistemas de produção desenvolvidos nos assentamentos. Por exemplo, na região sul é dominante o sistema de soja/aveia/trigo/suíno, associado ou à pecuária mista ou à erva mate. E no Centro-Oeste foram registrados sistemas mais desenvolvidos como o sistema soja/milho mecanizado, segundo pesquisas da FAO/INCRA. Por estas informações pode-se perceber que parte dos assentados tem sido capaz de desenvolver sistemas produtivos eficientes. É necessário capital para a implantação de novas tecnologias, para compra de maquinários e adubos, como também é preciso conhecer o mercado do seu produto, ser orientado por programas de assistência técnica para a plantação e etc.

É neste contexto que a agricultura orgânica desponta como uma ferramenta para promoção da inclusão social e econômica dos assentados. Isso não quer dizer que os assentados não devam ser modernizados, mas que aquele modelo baseado na alta dependência de insumos e mecanização não é viável para esse segmento de agricultores. Aos assentados caracterizados pela falta de capital para investimentos, para aquisição de maquinários, insumos, sistemas de irrigação, entre outros, restam às tecnologias de baixo custo, mais acessíveis, e que preservem os recursos naturais disponíveis, o único bem destes trabalhadores.

Para essas tecnologias, diferentes das convencionais, apesar da produtividade ser menor se comparada às que dominam o mercado, pode-se atingir um mercado emergente que valoriza os produtos orgânicos da agricultura familiar obtidos sem agressões ao meio ambiente. O uso dessa tecnologia em assentamentos, quando bem empregada e administrada, é uma importante ferramenta para o desenvolvimento social.

Nesse contexto, este artigo está focado em uma análise da inserção de agricultores familiares beneficiários do programa nacional de reforma agrária no processo de produção orgânica e a na participação em “feiras orgânicas”. Tendo o objetivo de analisar os impactos da produção e comercialização de produtos orgânicos como fator de inclusão social em assentamentos de reforma agrária, promovendo agregação de valor e melhoria da qualidade de vida. Este trabalho analisará o caso do assentamento Chico Mendes/Honda, que se localiza na região de Pombos, em Pernambuco. Este assentamento foi escolhido depois de ser observada a grande frequência de consumidores ao local de suas feiras orgânicas. Além do tempo de permanência das feiras no mercado da região metropolitana do Recife. O assentamento Chico Mendes foi criado em 1998, com a participação de 90 famílias, as quais eram essencialmente produtores da agricultura

convencional ou tradicional, e que viviam com uma renda incerta, variando em torno de R\$100,00 por mês. A partir do ano de 2002, com a orientação técnicas adequadas, iniciaram o processo de produção orgânica. Os trabalhadores assentados através de cursos e palestras obtiveram conhecimento sobre a agricultura orgânica e passaram a produzir seus produtos e posteriormente a comercializa-los, o que trouxe impactos para as condições de vida das famílias assentadas, de natureza tanto econômica como social.

A metodologia desta pesquisa foi baseada em pesquisas realizadas através de entrevistas com o uso de questionários. Teve sua amostragem escolhida aleatoriamente, atingindo 50% do total de agricultores assentados. Os dados obtidos através da aplicação dos questionários foram tabulados de forma descritiva e através de percentagens.

2. AGRICULTURA FAMILIAR

A agricultura brasileira foi marcada profundamente pelas origens coloniais da economia e da sociedade brasileira, com suas três grandes características: a grande propriedade, as monoculturas de exportação e a escravatura. A fragilidade e a dependência social e política deste extrato de agricultores estão estreitamente relacionados com os eventos que proporcionaram o surgimento das grandes propriedades, a partir de 1850, e com os ciclos econômicos (açúcar e café). O início da modernização da agricultura somente após a metade dos anos de 1960 fez com que se instalasse no Brasil, as indústrias de tratores e equipamentos agrícolas, fertilizantes químicos, rações e medicamentos veterinários, dentre outros. A partir da constituição desses novos ramos da indústria agrícola, novos mercados foram surgindo. O Governo do estado programou um conjunto de políticas agrícolas destinadas a incentivar a aquisição dos produtos desse novo ramo da indústria, acelerando o processo de incorporação de modernas tecnologias pelos produtores rurais. Este modelo desenvolvimentista que caracterizou a agricultura brasileira gerou uma grande concentração de terra e de renda no meio rural, marginalizando, do processo, mais de dois terços da população que vive no campo. O resultado deste modelo tem se refletido, de maneira geral, apesar do aumento na produção global, no agravamento do desemprego (no campo e na cidade), no aumento dos preços dos alimentos, na degradação do meio ambiente e na ocupação desordenada do território nacional. Outros problemas estão também vinculados ao modelo, como a queda na qualidade biológica dos alimentos e o progressivo desaparecimento das tradições culturais no meio rural.

Do ponto de vista de muitos intelectuais da sociedade urbana, a agricultura familiar era vista como sinônimo de pobreza e de subdesenvolvimento. Sendo simples a definição desse tipo de agricultura, ou seja, são empreendimentos agrícolas administrados pela própria família, com participação direta dos familiares na produção, com ou sem auxílio de terceiros. Mas, como o agricultor familiar era considerado pouco inteligente e incapaz de tomar decisões eficazes no gerenciamento do seu negócio, durante longo tempo, não houve interesse na geração de políticas públicas para esse segmento da sociedade tido, em geral, como um encargo e não como um participante do processo de desenvolvimento nacional.

2.1. REFORMA AGRÁRIA

A Reforma Agrária define-se como uma modificação da estrutura agrária de um país, ou região, com vista a uma distribuição mais equitativa da terra e da renda agrícola. Não surge de uma decisão repentina de um general, de um partido, de uma equipe governamental, ou mesmo de uma classe social, ela é sempre o resultado de pressões sociais contrárias e, ao mesmo tempo, é

limitada por essas pressões. Seja como for, a correção da estrutura fundiária, ou reforma agrária, é imprescindível para o desenvolvimento econômico e social de um país. Ela dá oportunidade às populações rurais carentes, os pobres camponeses que não têm condições alguma de prover sua subsistência. Ao mesmo tempo, ela desapropria terras improdutivas dos grandes proprietários, que não a aproveitam de maneira condizente com a capacidade, e fornece-as para os pequenos agricultores, motivo pelo qual aumenta (e muito) a sua produtividade. Montar uma nova estrutura fundiária que seja socialmente justa e economicamente viável é dos maiores desafios do Brasil.

2.2. ASSENTAMENTOS RURAIS

O termo assentamento rural pode ser definido como a criação de novas unidades de produção agrícola, por meio de políticas governamentais visando o reordenamento do uso da terra, em benefício de trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra.

Os assentamentos rurais representam uma importante iniciativa no sentido de gerar empregos diretos e indiretos a baixo custo e para estabelecer um modelo de desenvolvimento agrícola em bases sociais mais equitativas, isto diante da concentração de terra, da ampliação da fome e da miséria, e do inchaço dos centros urbanos.

Em termos numéricos, o balanço da reforma agrária, realizado pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário, do período de 1995 a 10 de setembro de 2002, apresenta que no total existem 635.035 famílias assentadas em todo o País. A região Norte tem o maior percentual de famílias em assentamentos: 34,5% do total, o que corresponde a 218.110 famílias. Em seguida está a região Nordeste, com 209.194 famílias, 33,1% do total. A região Centro-oeste tem 17,8% dos assentados, com 112.696 famílias. Na região Sul, há 54.272 famílias, ou seja, 8,6% do total. A região Sudeste tem 6% das famílias assentadas no Brasil, ou 37.961 famílias.

É importante atentar para o fato de que no Brasil a implementação dos assentamentos não decorre de uma deliberada política de desenvolvimento voltada para o atendimento das demandas da população rural, mas de uma tentativa de atenuar a violência dos conflitos sociais no campo, principalmente a partir da primeira metade dos anos 80.

Vale a pena destacar que os trabalhadores rurais, através de ações políticas vão modificando e acrescentando novos conteúdos ao termo assentamento. Aí se desdobram novas ações políticas, desenvolvendo lutas e confronto com o Estado por assistência técnica, crédito, infra-estrutura, etc. Entretanto, apenas o assentamento dos sem-terras não garante a implantação da reforma agrária, pois esta tem caráter bem mais amplo. Os assentamentos de reforma agrária são conquistas alcançadas pela organização e mobilização dos trabalhadores envolvidos.

Assim, em diversos casos a conquista da terra não significa que seus ocupantes passem a dispor da necessária infra-estrutura social (saúde, educação, transporte e moradia) e produtiva (terra férteis, assistência técnica, eletrificação, apoio creditício e comercial), que leva ao sucesso dos assentamentos, bem como de qualquer outro produtor rural. Assim, após a conquista da terra, inicia-se uma nova luta, agora pela consolidação da posse da terra, pela obtenção de condições econômicas e sociais mais favoráveis ao estabelecimento destes trabalhadores rurais enquanto produtores agrícolas.

Diversas questões preocupam a consolidação do assentamento rural, e uma delas é a questão econômica. São agricultores que utilizam a agricultura convencional e familiar para sua sobrevivência, como a venda da palha da cana, e de outras formas, não lucrativas e nem compensadoras, como a destruição da reserva florestal, que é vendida ou é transformada em carvão para ser vendida posteriormente.

Uma alternativa, que é mais recente, porém já tem resultados, de viabilização financeira para os agricultores é a agricultura orgânica, a qual pode trazer resultados tanto financeiros, como para a saúde dos assentados e ser uma forma de preservação ambiental. Para melhor compreensão desta afirmação é preciso maior caracterização sobre a agricultura orgânica, o que se encontra no próximo capítulo.

3. AGRICULTURA ORGÂNICA

A agricultura orgânica tem sido apontada como um meio pra a construção de um novo padrão de produção agropecuária e de cidadania do homem do campo. Trata-se de um conjunto de processos de produção agrícola que parte do pressuposto básico que a fertilização de um produto é advinda diretamente da matéria orgânica. diferentemente da agricultura chamada convencional, a qual utiliza meios químicos, como venenos e agrotóxicos para alcançar o resultado de sua produção, a agricultura orgânica preza pela produção realizada sem a presença de fertilizantes químicos, ao contrário utiliza meios naturais para alcançar seu objetivo.

Embora a agricultura orgânica hoje esteja na mídia internacional, seu mercado ainda é pequeno e suas informações ainda difusas. Até 2002 ainda não existiam dados consolidados sobre volume e valor dos produtos orgânicos comercializados no mundo. O Centro Internacional de Comércio (ITC) estima que esse mercado movimentou em 1997 valores próximos a US\$ 10 bilhões.

3.1 AGRICULTURA FAMILIAR E AGRICULTURA ORGÂNICA

Os agricultores familiares enfrentam obstáculos consideráveis para sua inclusão no desenvolvimento econômico social do Estado. Políticas públicas inadequadas, intempéries climáticas, degradação da base natural dos recursos das unidades produtivas, pequena diversificação das atividades agrícolas, estreitamento da base alimentar, baixa produtividade e falta de competitividade no mercado são os principais entraves identificados. Em decorrência disso, tem se verificado o empobrecimento, a migração, sobretudo da população jovem e das mulheres, e uma série de problemas sociais decorrentes, colocando também em risco a segurança alimentar tanto no campo quanto nas cidades.

A agricultura orgânica e a agricultura familiar encontram-se estreitamente articuladas, sobretudo dentro de uma perspectiva ética. A agricultura orgânica tem sido apontada e apoiada em diferentes instâncias como uma estratégia capaz de permitir a reprodução destas unidades produtivas, com a inclusão social e econômica dos agricultores familiares, a construção de uma nova percepção ambiental e até mesmo de contribuir para taxas positivas de crescimento demográfico. Por sua vez, a agricultura familiar teria maiores chances de sucesso na aplicação dos princípios da agroecologia nas unidades produtivas, devido a sua maior identificação com a terra e com os recursos naturais, à sua maior facilidade histórica para diversificação das atividades e o seu pouco envolvimento com a modernização da agricultura. Assim, a agricultura familiar viabiliza a agricultura orgânica, dentro de sua dimensão ética e a agricultura familiar se viabiliza através da agricultura orgânica.

Dessa forma a agricultura orgânica além de trazer a segurança alimentar aos consumidores, também se tornou um meio de inclusão social, e entre os beneficiados deste novo mercado encontram-se os agricultores familiares dos assentamentos.

3.2 AGRICULTURA ORGÂNICA EM ASSENTAMENTOS

Nos assentamentos a agricultura orgânica pode ser vista como uma ferramenta para os agricultores superarem as dificuldades encontradas na estruturação da produção, por ser pouco exigente em investimentos, uma vez que não requer a utilização de maquinários nem adubos químicos, tudo é natural, não agredindo o meio ambiente.

A baixa produtividade dos agricultores brasileiros está relacionada a vários fatores, principalmente questões tecnológicas como o preparo inadequado do solo, tratos culturais ineficientes e uso de variedades pouco produtivas que não se adaptam em certas regiões. O não uso de fertilizantes químicos ou orgânicos é um fator determinante para a baixa produtividade. Normalmente os agricultores assentados usam a adubação orgânica, como esterco de animais e massa verde, para aumentar a fertilidade do solo, o que traz menos impactos ao meio ambiente, porém, ocasiona baixa produtividade, tornando os produtores pouco competitivos no mercado. Culturalmente, no Brasil, o uso de fertilizantes químicos é determinante para se alcançar sucesso no mercado. Então para criar condições de competitividade e agregar valor ao produto é preciso diversificar a produção. Como a área disponível para produção nos assentamentos é limitada, adota-se a consorciação de culturas para obter maior diversificação de produtos. Além disso, a opção mais freqüente é por culturas mais exigentes em mão-de-obra que dispensem a mecanização. Essa estratégia, além de evitar a erosão dos solos torna-se mais econômica e reforça as condições de competitividade no mercado brasileiro. Assim fica claro que os assentados devem buscar formas de diminuir o seu custo e serem diferenciados no mercado.

4. ASSENTAMENTO RONDA /CHICO MENDES

Para entender melhor sobre o que a agricultura orgânica alterou na vida dos agricultores do assentamento Ronda/ Chico Mendes, é necessário conhecer o assentamento antes deste processo. Assim brevemente, algumas características deste assentamento serão detalhadas. Para tanto, a referência usada é o Diagnóstico Sócio-econômico e Ambiental do Assentamento Ronda/ Chico Mendes. O imóvel Engenho Ronda localiza-se na Mesorregião Vitória de Santo Antão, no limite municipal de Vitória de Santo Antão e Pombos. Dista 61 km de Recife, de Vitória está a 16 km e em relação à Pombos dista 15 km. Segundo o diagnóstico, a desapropriação ocorreu em 09/01/1998, enquanto a data de Imissão de Posse é 09/09/1998. O assentamento foi criado em 16/11/1998 e está localizado na área mais antiga da propriedade do Engenho. Historicamente o Engenho Ronda faz parte de um conjunto de propriedades situadas nos municípios de Pombos e Vitória de Santo Antão vocacionadas para a agroindústria canavieira. A crise da agroindústria canavieira nos anos 90 e o endividamento dos fornecedores de cana geraram as condições necessárias à desapropriação das terras para fins de reforma agrária.

Após sua criação, o projeto de assentamento foi denominado Assentamento Chico Mendes, uma homenagem ao líder dos seringueiros de Xapurí, assassinado em conflito com fazendeiros da região. O processo de desapropriação da área foi encaminhado pelo MST (Movimento dos trabalhadores rurais sem terra), em uma ação simultânea com as áreas dos Engenhos Serra Grande e Divina Graça. Após a desapropriação, moradores e ex-trabalhadores também permaneceram no local com a esperança de possuir um pedaço de terra. Portanto é um assentamento heterogêneo, pois é composto de antigos moradores, de ex-trabalhadores da área, de assentados originados de movimentos sociais e de ex-trabalhadores na área e morador e não identificados. Para a obtenção dos dados da pesquisa, foram aplicados questionários aos agricultores da feira agro-ecológica Chico Mendes, os quais permitiram atender aos questionamentos da pesquisa. Além do que, uma vez que já existem informações relevantes sobre aspectos do assentamento, consolidadas no Plano de Desenvolvimento (PDA) do assentamento,

procurou-se também caracterizar os agricultores e estabelecer uma correlação entre as suas vidas antes e depois da comercialização dos produtos orgânicos na feira. Os dados do PDA eram relacionados a todos os agricultores do assentamento, enquanto os dados relativos à feira, levavam em conta apenas os agricultores que comercializavam os seus produtos, eles próprios, ou aqueles que disponibilizavam os seus produtos para que outros assentados os comercializassem na feira.

4.1. POPULAÇÃO, ORGANIZAÇÃO SOCIAL E PRODUTIVA DO ASSENTAMENTO CHICO MENDES

Como indica o diagnóstico sócio-econômico e ambiental no ano de 2001, a população do assentamento era constituída por moradores do Engenho e ex-trabalhadores da área e ocupantes. O número médio de pessoas nessas famílias era de 5,36, existindo casos de famílias com apenas de 1 membro, e casos com famílias de 10 membros. E dos 327 habitantes do assentamento, o sexo masculino correspondia a 55,66%.

Em relação à faixa etária era predominante adulto e crianças no assentamento. A população de jovens entre 15 e 21 anos e de crianças entre 8 e 14 representavam 35,48% da população.

A tabela 1 a seguir mostra como estava distribuída a população com relação ao gênero:

Tabela 1: População distribuída por Gênero

Gênero	População	
	Nº.	%
Masculino	182	55,66
Feminino	145	44,34
Total	327	100

Fonte: Diagnóstico sócio-econômico e ambiental do assentamento Ronda, 2001.

Apenas cerca de 5% da população do assentamento, neste ano, possuía algum tipo de renda extra-trabalho, essa em sua maioria oriunda de aposentadorias por invalidez, dependência e/ou pensão. A bolsa escola era também um incremento à renda familiar. Assim mostra a tabela 2 a seguir:

Tabela 2: Tipo de Renda Extra Trabalho

Tipo de Renda	População	
	Nº.	%
Pensão p/aposentadoria, invalidez ou dependência.	06	33,33
Doações e mesadas	01	5,56
Bolsa escola	08	44,44
Outros	03	16,67
Total	18	100

Fonte: Diagnóstico sócio-econômico e ambiental do assentamento Ronda, 2001.

Em relação à educação foi observada uma realidade compatível a outras áreas rurais. Um alto nível de analfabetismo representado por 15,29% do total. Isto se deve a diferentes dificuldades, como à deficiência de infra-estrutura e disponibilidade de recursos, entre outras. Apenas 0,61% dos entrevistados apresentou o segundo grau ou ensino fundamental médio completo e os que não

estavam estudando correspondia a 53,21% do total de 327 entrevistados. O índice de repetência entre os que estavam estudando foi relativamente baixo, representando 17,27% dos entrevistados. Estes dados podem ser visualizados na tabela 3 a seguir:

Tabela 3 - Educação - Nível de Instrução Formal

Grau de Instrução	Percentual
Não tem idade escolar	11,31
Analfabeto	15,29
Assina o nome	10,40
Lê e escreve (não possui instrução formal)	5,20
Primeiro grau menor incompleto	33,94
Primeiro grau menor completo	7,65
Primeiro grau maior incompleto	10,40
Primeiro grau maior completo	0,92
Segundo grau incompleto	2,75
Segundo grau completo	0,61
Pré – Escolar	0,31
Não respondeu	0,61
Superior incompleto	0,61
Total	100

Fonte: Diagnóstico sócio-econômico e ambiental do assentamento Ronda/Chico Mendes, 2001.

O ensino fundamental da 1ª a 5ª séries era atendido pela escola existente no próprio assentamento, enquanto nas séries 6ª e 8ª do fundamental, o atendimento era na sede do município de Pombos, com o apoio do programa de transporte escolar. Além do transporte escolar os alunos do assentamento também eram beneficiados com a merenda escolar, livro escola e bolsa escola.

4.1.1. SISTEMAS PRODUTIVOS

Os sistemas produtivos dos assentados estavam baseados na exploração dos sítios ao redor das residências. Nos pequenos sítios destacava-se o cultivo de mandioca, macaxeira, banana, feijão e milho. Cultura baseada na chamada agricultura convencional ou tradicional. Na tabela 4, podemos observar as culturas exploradas no assentamento e na tabela 5, a área, produção e rendimento dos principais cultivos no ano de 2001.

Tabela 4 – Culturas exploradas no Assentamento (agricultura convencional ou tradicional)

Cultura	Produtores (Nº)	Área cultivada (ha)
1 Maracujá	11	2,35
2 Banana	46	15,50
3 Batata doce	35	8,65
4 Cará (inhame)	4	0,70
5 Feijão	41	15,15
6 Macaxeira	64	27,83

7	Mandioca	38	19,61
8	Maxixe	5	0,90
9	Milho	32	11,45
10	Jerimum	1	1,80

Fonte: Diagnóstico sócio-econômico e ambiental do assentamento Ronda/Chico Mendes, 2001.

Tabela 5 – Área, Produção e Rendimento dos principais cultivos

Cultura	Área (ha)	Unidade	Produção Total(kg)	Rendimento (kg/ha)
Maracujá	2,35	fruto	83.000,00	35.446,80
Banana	15,50	fruto (0,14kg)	40.000,00	2.580,64
Batata doce	8,65	Kg	24.000,00	2.824,27
Cará (inhame)	0,70	Kg	-	
Feijão	15,15	Kg	2.286,50	150,92
Macaxeira	27,83	Kg	44.330,00	1.592,88
Mandioca	19,61	Kg	70.000,00	3.569,60
Maxixe	0,90	fruto	6.300,00	7.000,00
Milho	11,45	fruto	97.900,00	8.550,21

Fonte: Diagnóstico sócio-econômico e ambiental do assentamento Ronda/Chico Mendes, 2001.

Os principais cultivos eram destinados tanto para o consumo como para a venda, enquanto as hortaliças e as frutas eram mais para o consumo.

Em termos de criatório, a tabela 6 apresenta a predominância de aves e bovinos:

Tabela 6 – Sistema de criação

Tipologia	Nº	%
Bovino	72	20,87
Caprino	26	7,54
Ave	197	57,10
Eqüino / muar	47	13,62
Suíno	3	0,87
Total	345	100

Fonte: Diagnóstico sócio-econômico e ambiental do assentamento Ronda/Chico Mendes, 2001

Destacam-se os cultivo de banana prata e comprida, cada uma com 76%, de tomate com 86%, alface com 81% e o coentro com 81% da produção. A tabela 7 – Culturas exploradas no assentamento – mostra a distribuição destes cultivos por percentual.

Tabela 7 – Culturas exploradas no assentamento (agricultura orgânica)

Culturas exploradas no assentamento	Percentual
Fava	48%
banana prata	76%
banana comprida	76%

Limão	62%
Laranja	29%
Pimentão	71%
Tomate	86%
Alface	81%
Brócolis	62%
Beterraba	48%
Rabanete	71%
Cenoura	81%
Chuchu	38%
Coentro	81%
Salsa	62%
Macaxeira	71%
batata doce	76%
Outros	81%

Outros cultivos se referem à cebolinha, abacaxi, acerola, feijão, maracujá, coco e mamão.

Para combater às pragas e doenças, os assentados foram orientados a usar somente produtos naturais, como pimenta, sabão, água, álcool e etc. Eles afirmaram que espalham estes produtos para espantar bichos. Todos os agricultores afirmaram planejar sozinhos a sua produção. A maioria (52%) dos agricultores disse levar em consideração na hora de planejar a sua produção o que os clientes têm procurado mais nas feiras, ou seja, o desejo dos clientes. Por isso plantam e trazem às feiras aquilo que o cliente procura mais, ou seja, o que é mais demandado. Entre outros parâmetros encontra-se a questão da safra e a saúde. Com relação à incorporação de novas técnicas a maioria dos agricultores usa a informalidade, isso quer dizer que no próprio assentamento, em conversas com vizinhos, eles trocam informações deste tipo, somando 43% dos entrevistados.

Também há acesso de novas técnicas a partir de cursos de capacitação que fazem na Associação dos Trabalhadores Rurais Chico Mendes e em outras instituições, o que representa 29%.

As demais formas de aprendizado somam também 29%.

4.2. A FEIRA AGRO-ECOLÓGICA CHICO MENDES

No ano de 2002, foi criada a feira agro-ecológica Chico Mendes, que surgiu da idéia de melhorar a alimentação dos assentados, e também pelo fato de os agricultores irem até o centro de Pombos comprarem frutas e verduras, possuindo um maior custo e também mais dificuldades para o acesso. O trabalho que começou com conversas na Associação dos Trabalhadores Rurais Chico Mendes, e posteriormente com palestras, foi crescendo. Chegando a tal dimensão que se percebeu a possibilidade de comercializar os produtos orgânicos que os agricultores já estavam adotando como cultura.

Desta forma, o trabalho inicialmente contava com 12 famílias que passaram por um processo de capacitação, trabalhando com o Manual Internacional de Normas Orgânicas.

O primeiro local que a feira agro-ecológica Chico Mendes se instalou foi no Sítio da Trindade, que se localiza no bairro de Casa Amarela na região metropolitana do Recife, e daí se expandiu para outros mercados, como no bairro do Espinheiro, Boa Viagem e Várzea.

Cerca de 70 famílias estão envolvidas neste trabalho atualmente, mas apenas 50 famílias se deslocam para as feirinhas para comercializar o seu produto, as outras enviam seus produtos através destes. Questionários aplicados aos próprios assentados e comerciantes do assentamento Chico Mendes indicaram que 54% da população é do sexo masculino, restando 46% para a população feminina. Do total de entrevistados, com relação ao estado civil, a maioria corresponde aos solteiros (54%), enquanto os casados ou que possuem companheiro (a) representam 44%, separados e viúvos representam 1% cada um. Não houve casos de divorciado, o que mostra a despreocupação com a separação legal.

Os agricultores que participam das feiras orgânicas apresentam um baixo nível de analfabetismo (9%). Os dados referentes ao nível de escolaridade dos agricultores podem ser visualizados na tabela 8:

Tabela 8- Educação – Nível de Instrução formal

Nível de instrução	Percentual
Não tem idade escolar	13%
Analfabeto	9%
Assina o nome	6%
Lê e escreve (não possui instrução formal)	6%
Primeiro grau menor incompleto	25%
Primeiro grau menor completo	12%
Primeiro grau maior incompleto	12%
Primeiro grau maior completo	4%
Segundo grau incompleto	7%
Segundo grau completo	1%
Pré-escolar	1%
Não respondeu	3%
Superior Incompleto	2%

Houve uma redução de 8,94% no índice de primeiro grau menor incompleto, como também no nível de primeiro grau maior completo de 3,08%. Os outros níveis obtiveram acréscimos, como por exemplo, o nível de segundo grau incompleto que passou de 2,75% para 7%. Até a 4ª série os alunos estudam numa escola pequena no próprio assentamento, segundo os assentados, de péssimas condições. A partir da 5ª série os alunos procuram à escola no centro de Pombos.

Com relação a qual atividade o agricultor tinha antes da produção orgânica, 81% afirmaram que trabalham com a agricultura tradicional ou convencional, enquanto 19% disseram que trabalhavam com o corte da cana.

Ao indagar sobre o que o motivou a trabalhar com produtos orgânicos, a maioria respondeu que a esperança de uma melhoria financeira foi determinante na hora da escolha, representando 52%. Entre outras respostas, surgiram a curiosidade, melhoria da saúde, conservação do meio ambiente e outras, o percentual de cada uma delas pode ser visualizados na tabela 9:

Tabela 9 – Motivação para produção de orgânicos

Motivação	Percentual
Curiosidade	5%
Melhoria da Saúde	43%
Conservação do solo	10%
Melhoria financeira	52%
Outros	24%

A Associação dos Trabalhadores Rurais Chico Mendes foi a grande influenciadora para que os assentados passassem a trabalhar com produtos orgânicos, sendo até muito influente na vida dos agricultores.

Para deixar de trabalhar com a agricultura tradicional ou convencional e passar a trabalhar com a agricultura orgânica, a maioria dos assentados passou por um processo de capacitação, representando 57% dos entrevistados. O curso foi patrocinado por instituições como IPA (Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária) e o SERTA (Serviço de Assistência Técnica e Tecnologias Alternativas). Porém alguns não sabiam qual instituição havia patrocinado seu curso, correspondendo a 17% do total de 21 entrevistados.

A maioria não sabia se o curso estava vinculado a algum programa de governo, representado 67%, alguns disseram que não houve nenhum programa governamental (25%) e somente 8% afirmaram que a capacitação estava ligada ao governo, e entre os órgãos citados está o INCRA.

Com relação à avaliação, 58% dos entrevistados disseram que o curso foi ótimo, enquanto 42% classificaram como bom. Não houve casos que desclassificassem a qualidade do curso.

As tabelas 10, 11 e 12, mostram o processo de transição que a renda desses agricultores passou desde antes da criação do assentamento Chico Mendes, como depois de sua criação e o mais importante, depois do trabalho com produtos orgânicos. Com relação à origem dessa renda, 62% dos entrevistados disseram que trabalhavam com a agricultura convencional, enquanto 24% possuíam renda através do corte da cana e 19%, afirmaram que possuía outras atividades. A tabela 9 mostra que quase metade dos assentados vivia com uma renda de menos de R\$200,00.

Tabela 10 – Nível da renda antes da criação do assentamento Chico Mendes

Renda antes da criação do assentamento Chico	Percentual
--	------------

Mendes	
Menos de R\$ 100,00	10%
R\$ 100,00	14%
R\$ 100,00 a menos de R\$ 200,00	48%
R\$ 200,00 a menos de R\$ 300,00	10%
R\$ 300,00 a menos de R\$ 400,00	0%
R\$ 400,00 a menos de R\$ 500,00	5%
Mais de R\$ 500,00	5%
Não respondeu	10%

Mesmo com a criação do assentamento Chico Mendes, os assentados permaneceram com uma renda baixa, pois 43% afirmaram que viviam com menos de R\$200,00 por mês (Tabela 11). O que se percebe é um aumento de 14% no percentual de assentados que viviam com mais de R\$200,00. Observa-se também que nenhum dos assentados possuía uma renda maior que R\$500,00.

Tabela 11 – Nível de renda após a criação do assentamento Chico Mendes e antes da produção orgânica

Renda depois da criação do assentamento Chico Mendes	Percentual
Menos de R\$ 100,00	10%
R\$ 100,00	14%
R\$ 100,00 a menos de R\$ 200,00	43%
R\$ 200,00 a menos de R\$ 300,00	19%
R\$ 300,00 a menos de R\$ 400,00	0%
R\$ 400,00 a menos de R\$ 500,00	5%
Mais R\$ 500,00	0%
Não respondeu	10%

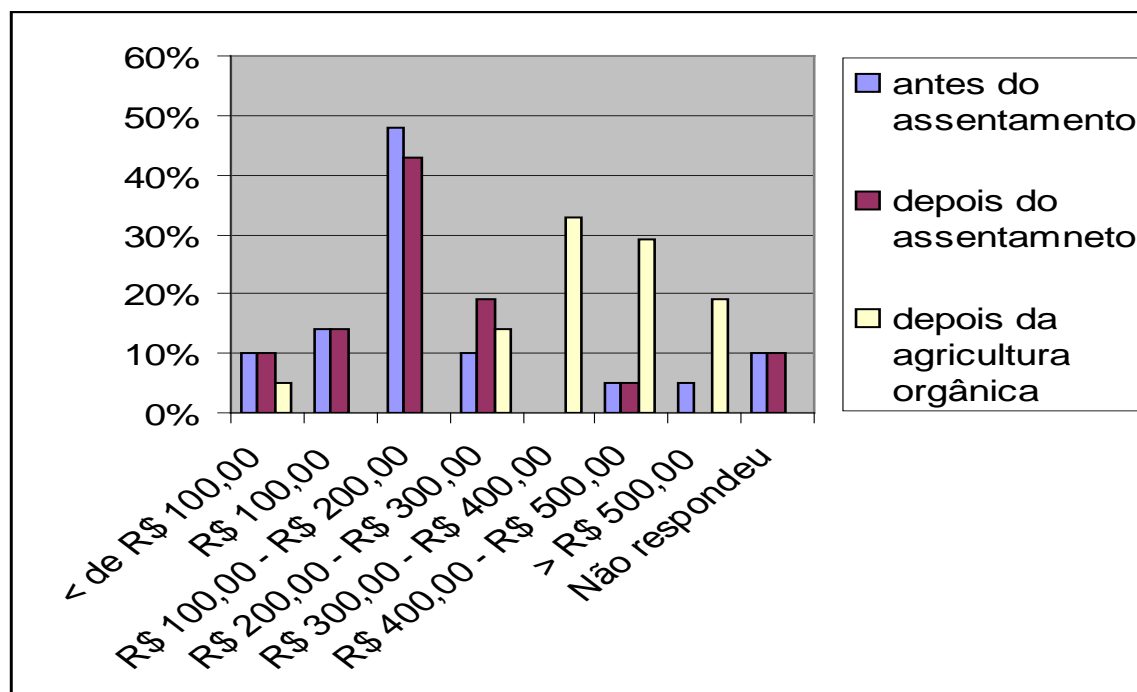
A tabela 12 mostra os impactos que a agricultura orgânica trouxe para a renda dos assentados. Nas tabelas 9 e 10, quase metade dos assentados viviam com menos de R\$200,00 por mês, e hoje com as feiras orgânicas apenas 5% vive com uma renda inferior a R\$200,00. O maior acréscimo observado foi no percentual de assentados que possuíam uma renda de R\$300,00 a menos de R\$400,00. 19% passaram a ter uma renda de mais de R\$500,00 por mês, o que não acontecia nem antes nem depois da criação do assentamento. Os agricultores que possuem uma renda superior a um salário mínimo representam 81%. O gráfico1 mostra as três fases do nível de renda dos agricultores:

Tabela 12 – Nível de renda após agricultura orgânica

Renda após a agricultura orgânica	Percentual
Menos de R\$ 100,00	5%
R\$ 100,00	0%
R\$ 100,00 a menos de R\$ 200,00	0%
R\$ 200,00 a menos de R\$ 300,00	14%
R\$ 300,00 a menos de R\$ 400,00	33%
R\$ 400,00 a menos de R\$ 500,00	29%
Mais R\$ 500,00	19%

Não respondeu	0%
---------------	----

Gráfico 1 – Comparação dos níveis de renda antes do assentamento, depois do assentamento Chico Mendes e depois da produção orgânica



A renda adquirida nas feiras orgânicas pelos assentados retorna tanto para a agricultura orgânica como também para as despesas da família. Não houve nenhum caso de aplicação em poupança. O percentual de aplicação da renda está distribuído da seguinte forma: 95% da renda retornam para as despesas da agricultura; 86% da renda são aplicadas nas despesas da família e 5% aplicada em outras atividades, como por exemplo, na ampliação do seu patrimônio.

Ao começarem a trabalhar com a agricultura orgânica, os assentados passaram a ter condições financeiras de adquirir bens duráveis, entre eles geladeira, televisão, fogão e mesa. Alguns agricultores já possuíam bens, o que representa 67% dos entrevistados.

4.2.1. IMPORTÂNCIA DA FEIRA

É notável que a feira orgânica foi muito importante para melhoria da vida dos assentados, e de diversas maneiras, como para sua saúde, já que eles consomem o que produzem; para sua situação financeira, pois não precisam mais de atravessadores para comercialização de seus produtos e o mercado de produtos orgânicos cresce cada vez mais; para a inclusão social; para a

educação e outras. Os agricultores possuem uma relação muito boa com os clientes, passam a trocar experiências e informações para o seu dia-a-dia, e assim os clientes possuem uma relação de fidelidade com eles. Dos entrevistados, 76% afirmaram ter uma ótima relação com os clientes. Enquanto 24% disseram ter uma boa relação. Não houve nenhum caso de regular ou ruim.

A maioria dos agricultores (62%) afirmou que a feira não vem atendendo todas as suas necessidades e nem as dos clientes. Dentre às dificuldades citadas, a diversificação foi a de maior percentual (40%). Os agricultores disseram que os clientes procuram produtos que eles não cultivam o que prejudica a feira. É regra do Assentamento Chico Mendes a participação do feirante em somente uma feira, dando desta forma oportunidade para todos os agricultores.

5. CONCLUSÃO

Diante da análise feita, em consequência do questionário aplicado aos agricultores assentados que utilizam a agricultura orgânica constatou-se que esta produção vem trazendo benefícios, assim como o aumento da produtividade, considerável crescimento do nível de renda, aumento do nível de instrução e os assentados passaram a ter noção sobre o que é mercado e como competir nele.

Os benefícios desta produção têm interferido diretamente na melhoria da qualidade de vida dos assentados, pois com um nível de renda mais alto é possível o acesso a bens e serviços, além da melhoria do lazer, moradia, cultura, educação, entre outros. Outro aspecto importante é a valorização da auto-estima dos assentados que ao comercializarem os produtos que eles mesmos plantaram e levam às feiras, percebem que possuem capacidade de melhorar de vida através do seu esforço e da sua inteligência, tornado-se um exercício de cidadania.

Assim é possível chegar a conclusão que os agricultores assentados podem competir no mercado e sobreviverem às dificuldades encontradas nos assentamentos através da agricultura orgânica, pois este tipo de produção possibilita a redução de custos, promove o acesso dos agricultores a novos conhecimentos e sistemas de informação, facilita a articulação direta com o mercado, com inserção principalmente no varejo, eliminando a figura do atravessador.

Por outro lado concorre para construção de novo conceito do agricultor familiar pela sociedade fundado no empreendedorismo, além de contribuir para a melhoria da qualidade de vida nas grandes cidades com o consumo de produtos isentos de agrotóxicos.

6. BIBLIOGRAFIA

BERGAMASCO, Sônia M. , Norder, Luis A. Cabello – O que são assentamentos rurais. Editora Brasiliense, agosto de 1998

FABRINI, João Edmilson – Assentamentos de trabalhadores sem-terra. Editora LGeo, julho de 2001

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: www.ibge.gov.br . Acesso em: 02 set. 2006

INCRA – Instituto de Colonização e Reforma Agrária. Disponível em: www.incra.gov.br . Acesso em: 29 ago. 2006

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. – Reforma Agrária no Brasil: Histórias e atualidade da luta pela terra. Editora Fundação Perseu Abramo, novembro de 2003

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário. Disponível em: www.mda.gov.br . Acesso em: 29 ago. 2006

SILVA, A. M. N. da; ALBUQUERQUE, J. de L. Plano de Desenvolvimento do assentamento Ronda. Recife, convênio INCRA/UFRPE/FADURPE. 2001.

SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa. Disponível em: www.serta.org.br . Acesso em: 25 set. 2006

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. Disponível em: www.pronaf.gov.br . Acesso em: 25 set. 2006

VEIGA, José Eli – O que é reforma agrária. Editora Brasiliense, janeiro de 1998

Secretaria de Estado de Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca. Disponível em: www.seag.es.gov.br/familiar . Acesso em: 29 ago. 2006